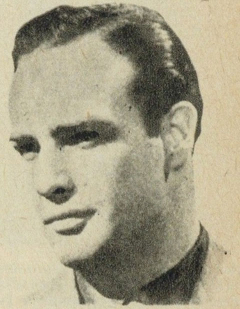


MARLON BRANDO

MARLON BRANDO

O GRANDE ACTOR QUE TODO O MUNDO ADMIRA

— O HOMEM ENIGMÁTICO QUE HOLLYWOOD NÃO COMPREENDE...



EM Omaha, Estado de Nebraska, numa casinha branca rodeada por um lindo jardim, vivia a família Brando com as suas duas filhas, Jocelyn e Frances. O casal esperava o seu terceiro filho, e todos desejavam que fosse um rapaz. Assim aconteceu: num dia de Abril de 1924 nasceu Marlon Brando, e logo Jocelyn e Frances o fizeram rei de todas as suas brincadeiras e jogos infantis.

O pequeno But era o orgulho de seus pais e irmãs. Carinhoso e tímido, tinha grande poder imaginativo, o que fazia a admiração de todos que o conheciam. Podia estar horas inteiras deitado debaixo de uma árvore do jardim mergulhado nos seus pensamentos; outras vezes sentava-se aos pés de sua mãe e ali sonhava e contava a suas irmãs as mais fantásticas histórias que se possam imaginar. O sorriso materno, doce e confiante, vigiava a sua fantasia incomensurável.

O mundo do pequeno Marlon era o seu lar; um lar feliz em que os pais conservavam ainda todo o amor dos primeiros tempos e sabiam repartir os seus carinhos pelos três filhos. Marlon queria muito à sua família; também gostava de seu primo Milles Caham; íam juntos à escola municipal de Libertyville, em Illinois, e Milles era o seu melhor amigo. Este era

ÁLBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 3.º)

Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/668684 — LISBOA (Portugal). Composto e impresso nas Oficinas Gráficas de BERTRAND (Irmãos), Ltd.ª. Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.



Marlon cresceu sem que alguém o vigiasse devidamente, sem regras nem disciplina rígidas. O seu comportamento escolar foi muito deficiente.

o pequeno mundo de Marlon nos seus primeiros anos.

Marlon não era um rapaz sensato; seus pais e mestres tinham-no prevenido. Era um rapaz de feitio difícil, com mil facetas distintas. Possuia uma grande inteligência, que não aceitava nem método nem ordem; era alegre e tímido; com uma grande sensibilidade; pouco conversador; impenetrável às vezes e sempre muito altruísta. Tenaz nos seus jogos, nos seus pensamentos e nos seus sonhos; amante da verdade e cheio de inquietação para superar-se e chegar ao fundo, à origem das coisas que conhecia. Tinha já um grande amor pela música e pela literatura.

★

Aos quinze anos Marlon Brando fechava-se no seu quarto e escutava discos de Gene Krupa; a sua atenção concentrava-se, especialmente, no tambor da banda. O seu sentido de ritmo era já então extraordinário, e a música afro-cubana era a sua favorita.

A família Brando é que sofria directamente as consequências da sua afeição pelo tambor.

— Papá — disse um belo dia Jocelyn, a irmã mais velha — compra um tambor a But. Senão acaba com todas as latas cá de casa.

— Vá lá, não vês que o rapaz quer ser músico. Não é assim, But? — perguntou o pai, em tom condescendente e carinhoso.

But olhou fixamente para seu pai, e a sua resposta foi rápida: — «Não, papá, não quero ser músico!» — e Marlon ficou sério.

— És ainda muito jovem para saberes o que queres, filho. De momento, irás à Academia Militar de Shattuck. Depois, tu próprio decidirás.

O sol entrava a jorros pela grande janela da alegre sala de estar. A Marlon



Uma das raras fotografias de família, em que vemos o actor com seu pai.

obrigava-o a semicerrar os olhos; estava sentado no peitoril da janela aberta que dava para o jardim. Então, levantou-se e foi ao pé de sua mãe, que o olhava sorridente.

— Aceito a tua proposta, pai; mas quero que saibas qual é o meu desejo. Estudarei dois anos em Shattuck e depois deixar-me-ás ir a Nova Iorque. Quero estudar Arte Dramática. Irei a Nova Iorque estudar Arte Dramática.

A sua voz soava firme e decidida; seus olhos fitavam com doçura sua mãe. Também os pais o olharam. Conheciam bem o rapaz; sabiam que quando Marlon, pouco falador, dizia qualquer coisa, a segurança confirmava as suas palavras.

— Seja como tu quiseres, filho. Se depois dos dois anos na Academia Militar não tiveres mudado de ideias, irás para Nova Iorque estudar Arte Dramática. Que tudo te seja fácil, Marl, uma coisa ou outra.

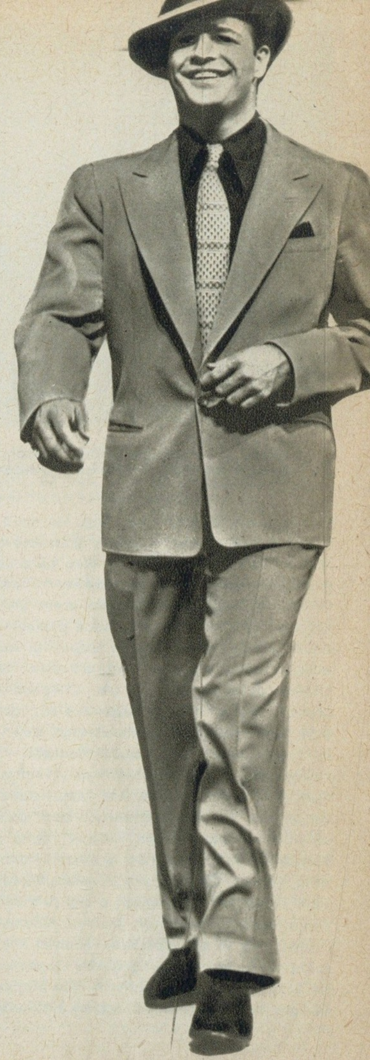
O pai acabou de falar, e Marlon, contente e feliz, sorriu agradecido. Beijou sua mãe. Compreendia sempre bem quanto valiam os seus silêncios.

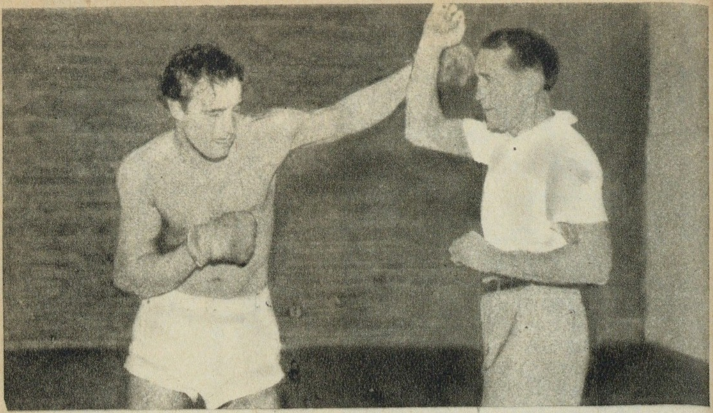
— Tu verás, mamã. Quando for um actor deixarás de ouvir que sou um excêntrico. Às vezes não posso evitá-lo, mãe. Aqui sufoco.

— O caminho que pensas escolher é difícil e cheio de obstáculos e sacrifícios, meu filho. Necessitas de uma grande força de vontade para o enfrentares. Analisa-o com cuidado, e pensa em nós, But.

Dois anos mais tarde, Marlon Brando, com uma maleta e um blusão de cabedal, observava um novo mundo. Um mundo extremamente diferente. Os arranha-céus erguiam-se até ao céu; o tráfico produzia vertigens; e But viu que luzes coloridas, como ele imaginara nos seus jogos infantis, cintilavam por cima dos edifícios.

Inscreveu-se na Academia de Arte Dramática e iniciou um período de estudo e concentração. Marlon aprendia continua-





Antes de o cinema tornar célebre o seu vigoroso físico, Marlon cultivava os seus músculos e praticava assìduamente o boxe, como simples passatempo.

mente; cada dia lhe trazia algo de novo; e toda aquela aprendizagem guardava-a no seu coração e no seu cérebro para ali produzir frutos e se desenvolver mais. O seu interesse e tenacidade eram uma surpresa cotidiana para os seus professores. Quando estudava um papel a sua concentração era tal que o resto do mundo desaparecia para ele. Chegada a representação, Marlon superava-se; depois ficava extenuado pelo esforço, deprimido por aquela introversão absoluta.

Depressa foi contratado para actuar num teatro de Cayville, em Long Island. Encontrara o seu caminho, que pelo esforço da sua vontade tomava forma e realidade. Mas isto não era um limite para Brando. Chegou a sua oportunidade para filmar em Hollywood; o seu primeiro filme, para o produtor Stanley Kramer, intitulou-se «O Desesperado». Kramer imediatamente sentiu pelo jovem e excepcional actor uma grande simpatia. Mas Marlon não gostou de Hollywood; aquele ambiente desagradava-lhe, e não perdia ocasião de o manifestar:

— Não gosto de Hollywood. Aqui tudo são interesses criados de acordo com os críticos e propagandistas. Chamam-me o «desagradável Brando» porque não quis vender-me. Estou farto de Hollywood.

Era verdade que lhe chamavam o «desagradável Brando». A sua camisola às riscas azuis e brancas dava-lhe um aspecto de pescador e molestava todos aqueles que ainda acreditavam no «glamour»; os seus passos comentavam-se com assombro. Também lhe chamavam «excêntrico» e «louco». Milhares de histórias se propagavam por Hollywood a respeito das suas excentricidades. Marlon praticando Yogui; Marlon passando por um corredor de um hotel de Nova Iorque com uma horrível máscara de borracha; Marlon em motocicleta pela Sexta Avenida com um casaco de pele negra.

Uma noite foi convidado para uma grande festa organizada por uma milionária de Hollywood. Marlon foi com a sua camisola de riscas e despenteado. Apesar disto, a senhora parecia decepcionada.

— Você é o Marlon Brando? Mas você parece um homem completamente normal...

E imediatamente Brando deu uma cambalhota para o ar e ficou com a cabeça no chão. A respeito das suas excentricidades daquela noite, Marlon teve um comentário simples: «Não queria decepcionar a dona da casa».

— Gosto de ser aquilo que o público espera que eu seja num determinado momento.

Em outra ocasião, Marlon, com um grupo de jovens, seus amigos, foi numa excursão de moto desde Manhattan até à rocha de Wally Cox. Uma vez chegados, But quis imitar Tarzan: subiu às árvores com toda a vitalidade da sua juventude sã, e o grito selvagem característico do homem-macaco percorreu os ares. Seus amigos imitaram-no. Finalmente, o cansaço apoderou-se deles e caíram exaustos sobre o relvado suave e acolhedor. Marlon observou-os com atenção; um sorriso desenhou-se-lhe nos lábios e continuou arrastando-se pela erva até alcançar o regato. Banhou a face cheia de suor na água clara e fresca que deslizava entre as pedras; bebeu com sofreguidão, e logo, rindo francamente, se estendeu ao sol.

Uma tarde de chuva, no centro de Manhattan, à saída dos teatros, Marlon, com a sua inevitável camisola e um blusão de cabedal, esperava junto da sua moto, suja e velha, uma linda mulher, que chegou com um maravilhoso vestido de noite. Marlon sentou-a atrás na sua moto e levou-a a sua casa. Ao entrar, ela olhou com curiosidade o espectáculo que se lhe oferecia: móveis modernos e confortáveis estavam espalhados pela casa de maneira estranha e inconcebível.

— Esta é, então, a tua casa? Não compreendo a disposição que adoptaste para os teus móveis.

A jovem estava indignada, mas a casa tinha-a surpreendido o bastante para que fizesse aquela pergunta.

— És muito simples, querida. Colocados desta forma, os móveis não impedem que eu me movimente com toda a liberdade. Assim, posso trabalhar, bailar, estudar e... fazer batalhas com pistolas de água. Não esqueças que sou um homem caseiro e que detesto os cafés.

— É aqui que praticas toda essa série de jogos que já são célebres em Nova Iorque? — perguntou a jovem com ironia, mas ainda mal refeita do seu assombro.



Num intervalo de filmagens, fuma um cigarro e conversa com a notável Vivien Leigh, que o acompanhou no primeiro grande triunfo da sua carreira cinematográfica: «Um eléctrico chamado Desejo».



Uma «pose» para o fotógrafo do estúdio, durante a rodagem de «Júlio César», de braço dado com Greer Garson e Deborah Kerr.

— Sim, já os vês. Se quiseres, logo posso fazer-te umas exibições desses famosos jogos. Deixar-te-ei ver também as minhas pistolas de água. Mas, antes, vamos comer qualquer coisa que eu mesmo preparei.

— Não, Marlon. É uma satisfação para mim o dizer-te que não quero provar os teus acepipes nem ver as tuas pistolas de água. Conseguiste decepcionar-me, Marl. Não esperava que a tua falta de delicadeza e correcção fosse até ao ponto de me exibires por Manhattan em cima da tua detestável moto num dia de chuva. Olha: estragaste o meu vestido. Não quero nada contigo! És um excêntrico. Vou-me embora, e digo-te adeus para sempre. Procura uma mulher que possa compreender o que dizem os teus amigos que são «génios». Amanhã irei ao «Metropolitan» com John, que irá vestido correctamente;



«É um actor extraordinário», afirma o director Elia Kazan, com quem vemos aqui Marlon a conversar. Kazan acha que Marlon não devia abandonar a sua primeira actividade — o teatro.

quero esquecer, o mais depressa possível, a tua horrível camisola que pareces trazer colada à pele.

Brando não podia sorrir. A rapariga chorava enquanto punha pelos ombros a sua capa de peles. Marlon compreendia que a magoara e que não podia evitá-lo. Abriu-lhe a porta timidamente.

— Lamento imenso, Rosalynd. Creio que tens razão. Devo procurar uma mulher que seja capaz de compreender a minha maneira de ser e de me conduzir. Alguém que não se surpreenda com esta casa e a quem pareça natural o oferecer-lhe uns petiscos feitos por mim. Desejo-te felicidades. Trata de pescar o John; ele



Com Karl Malden e Kim Hunter, durante os trabalhos de «Um eléctrico chamado Desejo».

saberá fazer-te feliz. E nós, fiquemos dois bons amigos.

Estas histórias e outras cheias de originalidade contavam-se quando se falava de Marlon. Em Hollywood e Nova Iorque, falar de Marlon Brando suscitava sempre comentários mais ou menos maliciosos. E, no entanto, Marlon era sincero. Tinha que encontrar uma mulher que considerasse naturais todos os seus actos. Era preciso. Ele recordava com nostalgia o seu lar. Essa mulher devia existir em algum lugar, o importante era encontrá-la. Este pensamento chegava a torturá-lo. Com certeza que ela o esperava da mesma forma, com a mesma impaciência. As mulheres que tinha conhecido não tinham sabido compreender até onde as suas excentricidades podiam ser reacção e defesa num ser pouco sociável como ele. Marlon esperava, mas o desalento começava a apoderar-se dele.

Estamos no ano de 1951 quando Elia Kazan procurava um actor para o novo guião que tinha em projecto. A fina sensibilidade do director induziu-o a eleger Marlon Brando, sem vacilar. O homem com cara de europeu meridional podia ser perfeitamente o seu Stan Kowalski de «Um eléctrico chamado desejo». Os olhos de Brando, sonhadores e misteriosos, levavam consigo a luz da arte. No seu olhar descobriu Kazan que a poesia se convertia em realidade. Marlon poderia ter sido fàcilmente um polaco que tinha perdido a sua pátria. Um homem como os da velha Europa, algo triste e com a inquietação reflectida no seu rosto. Marlon aceitou porque admirava sinceramente aquele que considerava como o mestre genial da cinematografia moderna. Era a oportunidade de Brando. A sua interpretação foi extraordinária. O seu triunfo abriu-lhe as portas do êxito e da celebridade. Elia Kazan estava satisfeito com o trabalho dele:

— Marlon Brando tem poesia no rosto. Sensibilidade em cada acção e completa identificação com os papéis que interpreta.

Marlon revelou-se como um grande actor de temperamento ardente. O esforço que dispendeu deixou-o exausto. Teve



A sua profissão tem sido sempre para Marlon a coisa mais séria da vida. Em filmagem, folheia constantemente o «guião».



MARLON também sorri...

Não devemos formar um exagerado juízo acerca da «personalidade doentia» de Marlon Brando. A verdade iniludível é que o prestigioso actor também sorri desanuviadamente, como podemos observar nas fotos desta página. E também muitas vezes manifesta um bom humor muito apreciável, do qual oferecemos os três recortes seguintes:

Marlon Brando levou o seu carro à garagem e entregou ao mecânico uma grande lista em que lhe indicava minuciosamente todas as reparações que desejava lhe fizessem ao carro. Ao alto da lista tinha escrito em letras grandes:

«PARE QUANDO CHEGAR AOS VINTE E CINCO DÓLARES».

★

Marlon Brando sente que tem poucas simpatias em Hollywood. Por isso não é estranho que, comentando certo filme, tivesse dito:





— Todo o filme se refere a Hollywood, e metade dos personagens são mentecaptos. Por outras palavras: é quase um documento.

★

Marlon foi uma noite a um cabaré com uma amiga. Ela teve que ir ao «toilette», mas ali encontrou uma amiga e pôs-se a tagarelar com ela. Quando, bastante mais tarde, regressou à mesa onde havia deixado Marlon, este já não estava. Mas em cima da mesa havia deixado um bilhete que dizia: «Não percebo porque não me escreveste».

que ir consultar um psiquiatra. O doutor Mittleman recomendou-lhe tranquilidade e exercícios físicos ao ar livre. But obedeceu-lhe. Melhorou fìsicamente, mas moralmente continuava com a inquietação opressiva daquele que necessita de alguém que o reconforte, em quem possa descansar. Recordava, sonhando, uma rapariga simples e calma que tinha passado pela sala de espera do psiquiatra com um menino pela mão:

— Josiane — tinha dito o menino — contas-me o conto do anão?



Quando foi preciso cantar, em «Eles e Elas», Marlon não consentiu que dobrassem a sua voz. Era uma faceta que nunca tinha experimentado, mas, ensaiando conscienciosamente, logrou sair-se bem.

Josiane olhara Brando com os seus grandes olhos de menina, e desaparecera por uma porta com um sorriso para a criança. Marlon decidiu voltar ao consultório do médico para informar-se quem era aquela preceptora de nome francês. Uma chamada do seu amigo Kramer distraiu-o desta ideia. Stanely queria que ele fosse a Hollywood para interpretar outra película, «O Selvagem». Marlon acedeu mais pelo seu grande sentido de lealdade e amizade.

Em Hollywood viviam as actrizes. Pensou que talvez entre elas encontrasse a mulher que ele procurava. Iniciou, pois, os seus idílios com as «estrelas». Marlon é um homem de grande sensibilidade; em certos momentos era um romântico convencido. Então, a sua delicadeza era proverbial; tratava a sua amada com veneração; enchia-a de cortesias e de actos de consideração; possuído de um vivo interesse, fazia a essa mulher tudo o que ela desejava. Outras vezes, decepcionado, adoptava uma atitude de homem brusco e mal-educado. Então o seu jogo consistia em parecer extremamente desinteressado até chegar ao auge do idílio, mas uma vez aí chegado, o aborrecimento apoderava-se dele e a rapariga sofria as consequências. Isto sucedeu com várias das mais famosas «estrelas» de Hollywood: Roberta Haynes, que afirmou que Marlon a tratava como a uma criada; Marilyn Monroe, a qual acabou ràpidamente o idílio porque a sua popularidade a impedia de ser mais uma fracassada perante Brando; Bella Darvi e Josanne Mariani. Shelley Winters, a mulher que tinha em Hollywood uma corte incondicional de admiradores dispostos a tornarem em realidade o seu mais pequeno capricho, enamorou-se também de Brando. Shelley admirava a arte dele, e Marlon a beleza dela. O idílio teve em princípio certo interesse. O amor de Shelley fortalecia-se



Atrás da câmara, Marlon, vestido de general romano, aguarda a ordem de «Acção!» para a cena de uma batalha.

à medida que convivia mais intimamente com Brando, e a «estrela» pôs-se demasiado a descoberto. Marlon notou-o, e a partir daquele instante perdeu o romance todo o interesse para ele. Mostrava-se pouco correcto para com ela, até mesmo desagradável. Shelley, nervosa, tentava atraí-lo por todos os meios. Marlon, aborrecido, decidiu pôr fim àquela perseguição ridícula. Uma noite, ao sair dos estúdios, acompanhou-a a casa. Fizeram o caminho a pé. Um raio de luar iluminava a cara de Shelley, que olhava o reflexo do asfalto húmido. Parecia cansada, e Marlon sabia que as suas palavras iam fazê-la sofrer. Durante uns minutos caminharam em silêncio; os passos dela eram o eco dos dele. Marlon parou de repente e olhou fixamente Shelley; a luz vermelha de um letreiro luminoso iluminava alternadamente o seu semblante. Estava bonita naquela noite, e Marlon não deixava de admirar a beleza física.

— Shelley, será melhor despedirmo-nos para sempre — disse, com doçura.

— Marl, eu amo-te; não podes portar-te assim comigo.

A voz da «estrela» era suplicante.

— É melhor assim; não quero fazer-te mal. Acredita que podes encontrar um homem melhor que eu. És bela, Shelley, e os homens admiram-te. Tudo se arranjará. Eu não sou o homem que te convém. Põe-me nervoso esta perseguição absurda que não conduz a parte nenhuma.

Shelley Winters calou-se. Marlon falara claramente, e não era oportuno fazer comentários. Era melhor entrar em casa sem dizerem mais nada. Marlon ficou só no meio da rua; passava muito tempo só, e isto trazia-o inquieto Os seus «flirts» com as «estrelas», que às vezes lhe pareciam estereotipadas, continuavam, mas cada dia que passava lhe trazia uma nova decepção. Aquela situação era insuportável. As actrizes famosas tinham uma única preocupação, à qual sacrificavam tudo, até a sua vida privada: a propaganda. Viviam para a publicidade no cinema e fora dele.

Felizmente para Marlon, as filmagens de «O Selvagem» tinham acabado, e o actor declarou a um jornalista:

— Vou-me embora de Hollywood, pois que na realidade há tempos já que estou fora deste ambiente. Hollywood representa para mim duas coisas: experiência e a sensação de me sentir prisioneiro. Voltarei quando precisar de dinheiro. Agora vou para Nova Iorque.

Assim fez. Uma vez mais abandonava a Meca do Cinema. Em Nova Iorque encontrou Elia Kazan.

— Olá, Marlon! Ainda bem que estás aqui outra vez. Tenho um guião magnífico para ti.

— De que se trata? Já sabes que podes contar comigo. Para mim tu estás longe de Hollywood, e é essa a tua melhor garantia.

Elia Kazan falou-lhe de uma película passada no México, «Viva Zapata».

— Quero que antes de começar a filmar vás ao México e estudes a fundo os seus costumes.

Marlon Brando aceitou, entusiasmado. Aborrecia-o o ambiente de Hollywood; queria deixar para trás aquele mundo de cartão.

O México foi para Marlon uma paleta de cores vivas e variegadas, e uma manifestação de vitalidade ardente. O país das mulheres de olhos grandes e tranças negras. Marlon percorreu as suas ruas alegremente. Queria fixar na sua retina aquele tipismo novo, mescla de índios e espanhóis. O México parecia ter surgido de uma cratera gigantesca. Estava rodeado por montanhas caprichosas por todos os lados, à excepção do Leste, onde as grandes planícies e o lago Texcoco davam um novo aspecto aos limites do vale mexicano.

Um dia, em Taxco, um lugar pitoresco atravessado pelo Rio Grande, o seu amigo Loy Lamont apresentou-o a Movita, uma mulher interessante e inteligente, de belos olhos escuros. Movita trouxe a Marlon a paz e a felicidade.

Movita era mais velha que Marlon. Filha de uma família numerosa, cedo tivera que lançar-se na vida artística: tocava guitarra e cantava. Aos quinze anos tinha-se casado com um «boxeur»; teve dois filhos, e ambos tinham morrido. Depois de cinco anos de casada separou-se do marido, e três anos mais tarde conheceu Marlon Brando no México. Ela estava ali vinda de Hollywood como assistente dos artistas, e para Marlon foi como a libertação da sua infatigável busca.

Quando Elia Kazan trabalha, gosta que todos os que compõem a sua equipa se divirtam; assim, Marlon e Movita começaram uma amizade que se tornou indispensável para os dois. Todas as tardes, ao terminar as filmagens, Movita e Marlon, de braço dado, passeavam alegremente a sua felicidade pelas ruas e jardins do México. Juntos, descobriam todo o encanto e o típico da cidade.



Troca impressões com o coreógrafo Michael Kidd, no ensaio de um dos números de dança da película «Eles e Elas».



Bom companheiro, nos intervalos de filmagens...



Stewart Granger visitou no «set» a sua Jean Simmons, e Marlon recebeu a visita de seu pai. Conversam e tomam café.

Marlon é um agradável companheiro, como o provam estas três imagens obtidas em intervalos de rodagem de «Eles e Elas». Em cima: Como Brando (mastigador incorrigível de pastilhas elásticas) estragou alguns planos do filme porque se esquecia de tirar da boca o «chewing gum», o coreógrafo Kidd teve uma brilhante ideia: arranjou um receptáculo especial para as pastilhas, com um letreiro.

— Olha, Movita. Este é o México que eu imaginava. Se soubesse pintar gostaria de captar este momento: um céu azul escuro que se estende sobre o Popocatepelt e o Ixtaccihuatt; as suas neves eternas, aprumadas ao alto, parecem querer proteger a cidade edificada a seus pés...

— Marl, gosto de estar contigo, querido. A teu lado tudo se torna maravilhoso. Que poder tens tu?

— O meu poder és tu, Movita. Vem: vamos bailar e embrenharmo-nos nos arrabaldes do Bairro Velho. Notarás a diferença entre o Bairro da Bolsa, com os seus casebres baixos e miseráveis, e todo o novo que tens visto até agora. Resulta brutal esta comparação. Sentimo-nos transportados de uma grande cidade até uma aldeia afastada e pobre. Mas eu quero que o México não tenha segredos para nós, Movita.

Marlon, um tanto agarotadamente, insiste com o produtor Samuel Goldwyn e com o realizador Joseph Mankiewicz para que partilhem com ele as bebidas de coco adquiridas para as filmagens.



Caminhavam alegremente. Ao anoitecer, os bairros do México antigo, rodeados por todos os seus arrabaldes, tomavam vida e movimentavam-se; as ruas tornavam-se buliçosas e pitorescas, e um espectáculo original apresentava-se ante os olhos dos estrangeiros: ruas inundadas de formosas mulheres, automóveis luxuosos, representantes de tribos índias, tristes e miseráveis.

— Olha, Movita: esse índio é descendente dos primitivos tznis...

Também passeavam juntos pela Avenida del Madero, sempre alegre, com lojas de ambos os lados. As pessoas olhavam para Marlon, que não tirava os seus olhos dos de Movita. Passavam debaixo da sombra das árvores do Paseo de la Reforma e dos jardins circundantes.

— Aqui parece reunir-se toda a gente elegante do México, querido; olham-nos como se fôssemos seres estranhos. Fujamos daqui, Marlon.

— Vamos, quero mostrar-te a catedral.

Ao sair da catedral, Movita sentia-se feliz. Junto ao Portal de las Flores deteve-se.

— Quero rosas, Marl. Muitas rosas; elas serão o símbolo destes dias felizes que depressa passarão a ser uma saudade.

Marlon comprou as flores. Já de noite, passearam pelo Bosque de Chapultepec.

— Lembra-me o Bosque de Bolonha, Marl, mas mais pequeno. Agora compreendo porque é que os mexicanos chamam à sua cidade «Pequena Paris».

Às palavras de Movita seguiu-se um silêncio. Movita entristecera de repente; estava a viver aqueles momentos, e pensava que depressa acabaria a sua felicidade. Um arrepio

fê-la estremecer, e refugiou-se em Marlon. Ele rodeou-a com os seus braços fortes e másculos; ia beijá-la, mas deteve-se:

— Estás triste, Movita? Hoje o mundo sorri-nos. Sou feliz e quero que tu o sejas; não seria justo de outra forma.

— Porque estás feliz, Marl? — perguntou Movita, com voz trémula.

— Porque tu estás comigo, querida. Por isso quero ver-te sorrir. E, contudo, tu pareces não ser feliz. Em que pensas? — perguntou-lhe ele, enquanto acariciava docemente o rosto dela.

Movita sabia que aquele instante era definitivo. Dependia da sua resposta o dar firmeza àquele amor que para ela já representava tudo. «Viva Zapata» estava no fim da rodagem. Movita tinha que defender a sua felicidade, só possível ao lado de Marlon. Estavam juntos no Bosque de Chapultepec. Por cima deles, a sombra silenciosa e melancólica das altas e velhas árvores. Era preciso ser valente. Movita decidiu-se; afastou-se um pouco do homem que a olhava com ternura:

— Marlon — disse — pensava nestes dias que temos passado juntos. Queria que me levasses contigo quando regressasses a Hollywood. Foi tudo tão belo para que se torne numa aventura vulgar.

Marlon estreitou-a mais fortemente entre os seus braços, e um sorriso veio tranquilizar Movita da sua audácia.

— Sim, querida. Eu também não poderia deixar-te agora. Embora o nosso amor seja ainda tão recente, eu só quero é que ele dure para sempre.

Tudo tinha sido muito simples. Movita ofereceu-lhe os seus lábios e o beijo que trocaram foi longo e apaixonado. Agora sorriam os dois, felizes. Quando voltaram, as pessoas voltavam-se ostensivamente para os verem passar. Marlon aborreceu-se.

— Não te importes, querido — tranquilizou-o Movita. — As pessoas precisam de preocupar-se com alguém. Neste momento somos tu e eu os protagonistas dos seus pensamentos; prescindamos das suas opiniões e dos seus olhares maliciosos. Tu e eu estamos juntos; o resto não nos importa. E a tua arte acima de tudo.

Marlon olhou-a nos olhos. Compreendera as suas palavras e não pôde reprimir um impulso. Aproximou-se de Movita e deu-lhe um beijo na ponta do nariz; depois, pôs Movita às costas, e desta maneira a levou até ao carro. Ela ria, feliz. As pessoas contemplavam-nos com assombro.

— Querido, deves concordar que não é um método muito ortodoxo de amar; mas não faças caso, a mim encanta-me. Gosto da tua maneira de ser e da espontaneidade dos teus actos. Sê sempre assim, Marlon, e eu serei feliz.

Esta era a mulher que Marlon parecia necessitar. Uma mulher capaz de dominá-lo em certos momentos, e de pôr ordem na sua vida. Ela sabia bem quando devia contrariá-lo e quando era conveniente ceder. Regressaram juntos a Hollywood. Os jornalistas queriam importuná-los, e eles fugiam incansàvelmente. Movita não quis aproveitar nem a fam[a] nem a amizade que a unia a Brando. El[e] estava contente e parecia-lhe que aquel[a] mulher lhe era imprescindível. Apresentou-a à sua família e aos seus amigos. Todos os olhavam com simpatia e estavam de acordo ao afirmarem que formavam um par perfeito.

— Penso que Movita foi feita par[a] Brando. É a pessoa adequada para o com[-] preender.

Existia entre eles como que uma «lou[-] cura de amor» que os mantinha unidos. Dizia-se que tinham casado secretament[e]. Eles, no entanto, permaneciam alheios [a] tudo que não fosse o seu amor. Os jorna[-] listas inventaram as histórias mais absu[r-] das a respeito do par.

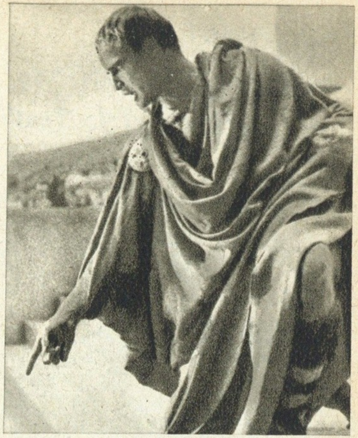
Marlon, cansado de todas aquelas not[í-] cias e propaganda falsas, começou [de] novo a fazer excentricidades. Parecia nervoso. Por sua natureza não era conformista, e aquilo irritava-o. Um homem complexo, atormentado e hipersensivo como ele, que há tão pouco encontrara o gosto pela vida, não podia tolerar a publicidade que estavam a dar à sua vida íntima, a única coisa que ele guardava e defendia do exterior. Os jornalistas voltaram a chamar-lhe louco. Movita defendia-o:

— Não há nada de estranho nele. Cada homem tem a sua maneira de ser. Marlon tem necessidade de ser fiel para consigo mesmo, para não se sentir tão desgraçado. Chamam loucuras àquilo que faz parte do seu temperamento, da sua genialidade; Hollywood dará conta disto talvez demasiado tarde, quando Marlon pertencer ao cinema europeu. É um génio, e as pessoas não o compreendem. Age com o coração, nunca com a cabeça.

Marlon dizia a Movita:

— Eu não sou um anjo, querida. Fui sempre demasiado extremista nos meus actos e nas minhas diversões, mas a minha vida privada só a mim diz respeito. Não sei se sou melhor que os outros, mas sei positivamente que sou diferente. Já vês, quero fazer-te feliz e, contudo, não o consigo. Algumas vezes receio não ser capaz de o fazer. E essa é a minha maior preocupação. Tenho medo de que qualquer coisa possa falhar no nosso casamento. E não quero que a Imprensa me complique mais a vida! Tento colaborar com os jornalistas, até procuro ser amável com eles e ajudá-los. Mas um homem tem direito a ter a sua vida privada, mais ainda se é um actor, e eles tentam devassar-ma. Amanhã reunir-me-ei com a imprensa, e dir-lhe-ei isto amàvelmente. Creio que o nosso amor é assunto que só a nós diz respeito.





Marlon Brando possui o raro privilégio de manter, ao mesmo tempo, a juventude, um excepcional magnetismo físico, uma concepção original das personagens mais convencionais e uma impressionante receptividade, o que lhe permite sempre surpreender, sempre emocionar. São as composições de «Desire» e «Júlio César» as que mais o orgulham.

Devaneios mais ou menos musicais de Marlon...

Para dissipar os nervos que muitas vezes o torturam, não é raro Marlon entregar-se à música nas suas mais diversas variantes. Observem as imagens destas páginas: um piano, um trombone ou um exótico tambor, qualquer instrumento de ruídos lhe pode ser útil num momento de neura.



Aproximou-se de Mo e beijou-a na fronte.
— Querida, custa-me nso que os jornais escrevam
que eu gosto mais do m queno «coati» do que de ti,
de ti que és tudo para São mentiras ridículas, e tu
sabe-lo bem, não é ve ?
— Sim, Marl; não te cupes com isso.
— Crês que o nosso trimónio seja uma solução?
Movita, tu conheces a ha família; eu quero que o
nosso lar seja como aq para toda a vida.
— Querido, não creio possa ajudar-te neste assun-
to. Desejo que saibas q io pretendo casar-me contigo
se tu não o desejares. o a tua felicidade acima de
tudo. Isso é para mim rincipal. Sei muito bem que
em ti manda o coração , o cérebro. Obedeces a teus
instintos, mas as pesso o tão idiotas que não com-
preendem que os teu intos estão sempre no bom
caminho.
— Pensam que sou sível, e não é assim — disse
Marlon com amargura ão é mais que uma arma que
emprego por ser dem sensível.
— Não deves preoc te com isso, Marl; eles não
te conhecem; julgam s rude, violento e louco, mas
ninguém que te conhe enha trabalhado contigo pode
acreditar nesses disp Todos te estimam, Marlon,
porque te sabem sinc
— Eu não posso fi Movita, e isto prejudica-me;
se há duzentas pessoa a casa e uma não me agrada,
vou-me embora da o. Pensam que desprezo os
outros, e interessa-m conceito que eles fazem de
mim. Nem por um nento penso decepcioná-los.
Dou-lhes o que eles n que lhes dê. Se não querem
excentricidades, mud Comprarei fatos, camisas e
gravatas.
— Querido, toda a sabe que as tuas interpreta-
ções são geniais; cre chegou o momento de todos
descobrirem o verdad Marlon, aquele que eu conheço
e a quem amo; o me avilhoso e apaixonado Marlon.
— Movita, preciso a meu lado para estar seguro
de mim próprio. Dev estar sempre juntos.

★

E juntos foram à a. Paris viu-os rir e olharem-se
amorosamente. Movi para Marlon, na viagem, um
guia magnífico; conh em a Europa e falava correcta-
mente várias línguas olta a Hollywood, os maliciosos
diziam que tinham o porque Movita desejava visi-
tar a sua família, sidia ali. Marlon foi solicitado







Marlon e a «estrela» japonesa Michiko Kyo tornaram-se bons amigos durante os trabalhos do filme «Casa de Chá do Luar de Agosto», que interpretaram juntos.

para filmar «Júlio César». Aceitou o contrato e rodou-se a película. A sua carreira cinematográfica ascendia vertiginosamente. A estreia de «Júlio César» constituiu um grande êxito, e a notícia propagou-se. Em Nova Iorque, na noite da estreia, perguntaram-lhe se tinha lido as revistas:

— Nunca leio revistas; ou te aplaudem ou te censuram, mas nunca te ajudam.

Pela sua actuação em «Júlio César» concederam-lhe o «Oscar» da melhor interpretação do ano.

No Japão, Marlon e Glenn Ford dão um dos curtos passeios que lhe permitiram as filmagens de «Casa de Chá do Luar de Agosto».

Marlon Brando queria sair de Hollywood definitivamente; estava decepcionado com os seus sistemas. Voou a Nova Iorque e encontrou-se com Elia Kazan. Este falou-lhe de um guião sobre os escândalos das docas. Brando concordou em interpretar na película o papel de Terry Maloy, ex-pugilista que abandonou as luvas e não possui outra ambição que não seja tratar das suas pombas. A maior parte da película passava-se em Hoboken, Nova Jersey. Começaram as filmagens; Marlon aparecia todos os dias com calças de trabalho e blusão de pele. Deslocava-se de casa aos estúdios de carro ou no «metro». Quando o reconheciam dava autógrafos. Nunca na sua vida recusou algum autógrafo.

Em «Há lodo no cais» conjugaram-se uma direcção e uma interpretação perfeitas. Na Bienal de Veneza, o público, atónito, premiou a sua apresentação com a ovação mais entusiástica que ali nunca se escutara. Hollywood rendeu-se ante a evidência e chamou-lhe «O Génio» e o actor mais importante do mundo. A actuação de Marlon Brando foi impressionante e o filme um dos mais realistas, tensos e



dramáticos que o cinema nos tem oferecido nos últimos tempos.

Quando terminou a rodagem de «Há lodo no cais», Marlon ficou exausto. Tinha-se concentrado com tanta intensidade que ficou sem forças. Mas o seu agente assinou um contrato com a M.C.A. para ele filmar «O Egípcio». Brando mudou-se para Hollywood e começou a estudar o papel. Achou-o difícil, e sentiu-se incapaz de se concentrar. Ùltimamente aborrecera-se com Movita, e não sabia que fazer, pois a verdade era que a amava e receava perdê-la. Desejava casar-se, e ao mesmo tempo sentia a inquietitude de saber que havia muitas coisas no mundo que ele não tinha visto e que o estavam esperando. O seu casamento deveria ser para toda a vida. Desconcertava-o a relação que existe entre matrimónio e liberdade, responsabilidade e despreocupação.

No estúdio encontrou Jean Simmons, e esta animou-o; eram bons amigos. Jean Simmons considerava Marlon Brando como o melhor actor do cinema mundial, e Marlon dizia que Jean tinha a maravilhosa virtude de conseguir que as frases dos guiões, ditas por ela, tomassem outro nível, se elevassem. Vê nela uma artista com quem tem que competir, e isto agrada-lhe porque o difícil atrai-o. Marlon, nesta ocasião, estava demasiado perplexo e não punha o coração no que estava a interpretar. Os seus nervos não estavam equilibrados, e decidiu voltar a Nova Iorque para consultar de novo o psiquiatra Mitlleman. O próprio médico telegrafou para os estúdios: «Teriam que prescindir de Marlon durante dez semanas».

Mittleman vira que Marlon estava esgotado, e que não lhe era possível fazer a película naquelas condições, nem mesmo para evitar uma questão judiciária. Mitlleman era amigo do actor e interessava-se particularmente pelas suas crises. Convidou-o para jantar uma noite. Marlon foi e voltou a ver a rapariga que da outra ocasião o havia impressionado. Era a preceptora dos filhos do Dr. Mitlleman; uma rapariga simples e graciosa, de olhos grandes: Josiane. Ela também pareceu notar o interesse que tinha causado no actor. A Marlon agradou-lhe aquela casa, o casal, os meninos e, sobretudo, Josiane.



Josianne Berenger



Movita





Anna Kashefi



Rita Moreno



Charlotte Austin



Celia Meredith

ELE e as mulheres

O incompreensível Marlon Brando tem-se interessado (ou parecido interessar-se) por várias mulheres, mas nenhuma conseguiu ainda levá-lo ao juiz de paz. A imprensa tem, evidentemente, dado bastante realce aos seus episódios amorosos, os mais sérios dos quais devem ter sido os de Josianne (com quem o vemos em cima) e Movita (que o acompanha, na foto de baixo).



Frequentava amiudadas vezes a casa do doutor, e o seu estado de depressão melhorava. Passava ali tardes inteiras; brincava com os meninos e com Josiane. À medida que Marlon melhorava, a preceptora enamorava-se do actor.

— Josiane, és deliciosa. Sabes que me estou apaixonando por ti? Admiro em ti qualquer coisa mais do que a tua beleza; admiro a tua simplicidade e a tua espontaneidade. Não há em ti essa pose estudada das «estrelas» de Hollywood — disse-lhe Marlon certa ocasião.

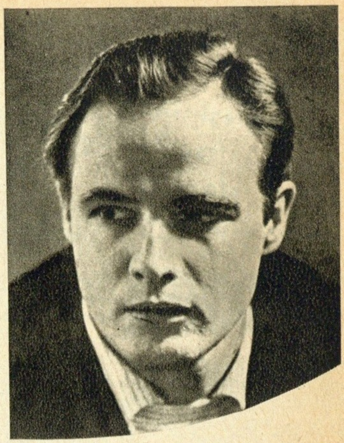
Ninguém sabia a razão dele frequentar com tanta insistência a casa do psiquiatra; pensavam que o médico tinha dado de novo a tranquilidade ao actor genial, mas desconheciam que naquela casa estivesse uma jovem preceptora francesa.

Josiane sabia que Brando estava impressionado; tinha-se enamorado dele e queria aproveitar a sua oportunidade. Tempos atrás, Josiane servira de modelo a um pintor polaco, Kisling; pousou para oito quadros, num deles, «A rapariga da flor de lys», aparecia quase nua. Marlon estava preocupado com este detalhe; mas o médico, íntimo amigo de Kisling, tinha-lhe dito que havia possibilidades de poder recuperar os quadros. Josiane, desde que fora modelo do polaco, tinha sonhado com a loucura do cinema e com as câmaras de filmar. Marlon representava para a preceptora francesa aquele que seria capaz de lhe abrir as portas de Hollywood, a Meca que havia sido o cenário de todos os seus sonhos de glória.

Naquelas semanas em que a mente de Marlon estava presa da depressão, Movita mal o via. Ela sentia o que isto podia significar, e calava-se; respeitava a ilusão que tinha aparecido na vida de Marlon. Sabia também ser «a mãe de Marlon», como em certa ocasião lhe chamara um jornalista.

Uma noite, um homem bateu à porta de Marlon:

— Tenho que dar-lhe uma notícia



É esta a máscara que os jornais e revistas têm apresentado como o verdadeiro retrato de Marlon: expressão dura, enigmática, com uma sombria pincelada de anormalidade.

acerca da sua nomeação para a Academia de Award — disse em voz baixa.

Brando abriu a porta. Rápido como um relâmpago, o homem meteu-lhe na mão uma citação do tribunal.

— Sou um empregado do tribunal, considere-se servido.

Marlon enfureceu-se. Chamou Movita pelo telefone. Movita veio ràpidamente.

— Que te sucede, Marl?

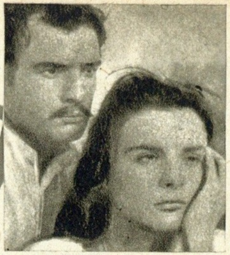
— Olha — disse, mostrando-lhe a citação. — Como fui tão estúpido? Vaidade, pura vaidade.

— Não é vaidade, querido. Deram-te um «Oscar» quando fizeste «Júlio César».

— Não importa, Movita! Mas agora o que sei ganhar são citações — gritou, excitado, Brando.

Seguiu-se um silêncio e, de repente, Movita começou a rir. Isto desconcertou Marlon.

As suas «partenaires» são jóvens e frageis — mas são elas que o protegem!



Em «Viva Zapata», Jean Peters sentia-se inquieta por ele, e defendia-o em em silêncio.



Em «O Selvagem», é Mary Murphy quem o acarinha e suaviza os seus instintos rudes.



Em «Há lodo no cais» voltou a encontrar em Eve Marie Saint a mesma ternura triste.



Em «Desirée», ele preocupava-se menos com a sua glória que com o amor de Jean Simmons, que...



...voltou a estar a seu lado em «Eles e Elas», decidida a protegê-lo.

— Querido, és um garoto. Que importância tem isso. Agora mesmo telefonaremos a Lew Waserman e ele arranjará tudo. Verás como este assunto se vai resolver ràpidamente.

Sentaram-se juntos e Movita acariciou a fronte de Marlon com «coqueteria» e ternura.

— Meu amor, tu não deves preocupar-te com estas coisas. Tu disseste que não podias interpretar «O Egípcio», ainda que tivesses que ter um processo por causa disso. Tranquiliza-te, pois, Marl; tudo se esquecerá quando verificarem que precisam de ti para interpretares o Napoleão de «Desirée».

Movita voltou a rir e Marlon agarrou-a. Ela tinha conseguido tranquilizá-lo.

— És um anjo, querida. Agora sinto-me muito melhor. Queres dar um passeio pela Avenida 57?

A sua voz tinha surgido espontânea, e nas suas palavras não havia timidez nem humilhação por ter estado tão longe dela nas semanas anteriores.

Enquanto passeavam, Marlon lembrou-se que fazia três anos que tinha conhecido em Taxco a mulher que tinha a seu lado.

— Movita — disse ele — quero dar uma festa em tua honra. Agora compreendi que te amo sinceramente. Nunca sou tão feliz senão a teu lado.

— Seja como quiseres, Marl; eu só desejo a tua felicidade.

A voz de Movita era doce e amorosa.

— Daremos a festa em minha casa de Carnegie Hall; detesto as salas de baile e os cafés. Uma pequena festa com os nossos melhores amigos. Achas bem? Diremos que é para celebrar os nossos três anos de amizade, querida.

★

Foi uma entusiástica, maravilhosa e inolvidável reunião. Todos os amigos que assistiram a ela compreenderam que a sua causa fundamental era o amor; aquele género de amor que é tão difícil de encontrar; o amor que pede coragem e sacrifício e dá prazer e dor. Os convidados dançaram, beberam e cantaram música negra, que Brando tanto aprecia. Já de madrugada, Marlon e Movita encontraram-se na penumbra de um canto do estúdio. Marlon passou o seu braço à roda da cintura de Movita e tirou da algibeira um pequeno embrulho. Era um lindíssimo anel com pequenos brilhantes. Marlon pegou na mão de Movita e colocou-lhe o anel no dedo.

— Este é o anel do terceiro aniversário da nossa amizade — disse-lhe, em voz baixa.

Movita fez um esforço para parecer serena, mas nos seus olhos bailavam duas grandes lágrimas.

— Obrigado, querido — murmurou.

E beijou-o com todo o seu amor.

★

A felicidade durou muito pouco. Algumas noites depois, uma chamada de sua tia Oliva, de Passadena, anunciou a Brando:

— Não te alarmes, But, mas a tua mãe está muito doente. Teve forçosamente que ficar aqui quando regressava do México com teu pai. O médico disse que é um ataque de apoplexia e levámo-la para o hospital.

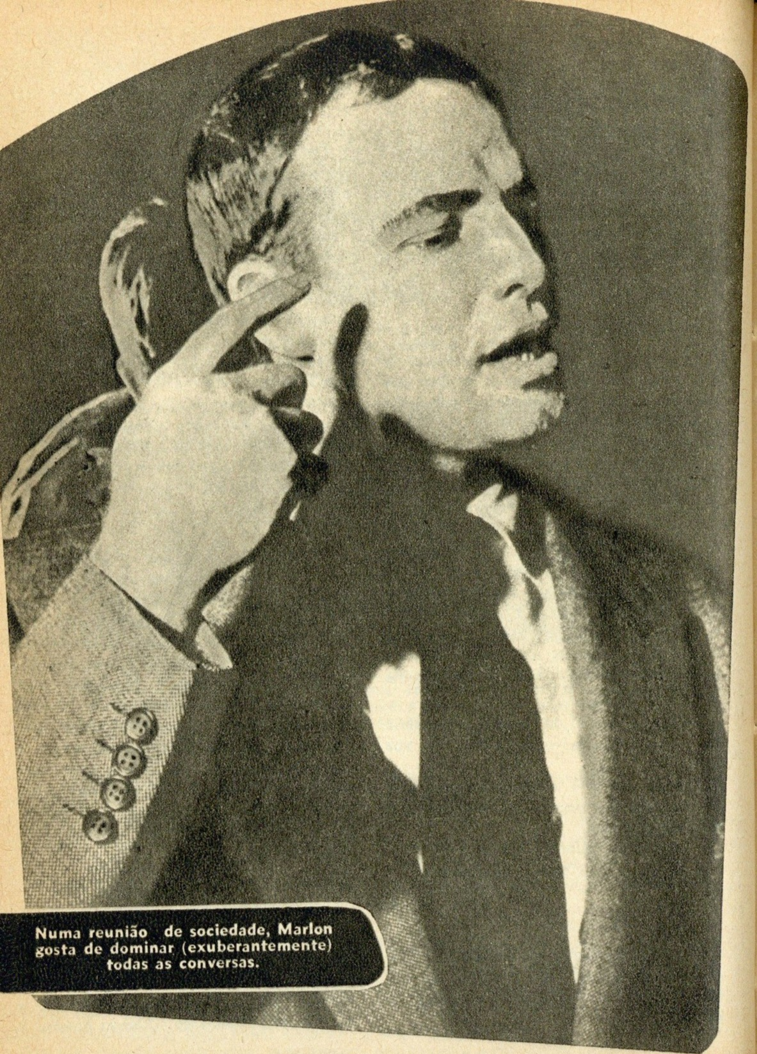
Enquanto Marlon estava em Nova Iorque tratando-se com o psiquiatra, processava-o a M.C.A. em quatro milhões de dólares, e sua mãe morria lentamente. Todas as noites tinha enormes conversas telefónicas com Passadena; as notícias não eram optimistas. Teve que deslocar-se com urgência àquela localidade. Enquanto abandonava Nova Iorque cheio de preocupações, uma revista acusava-o de ter rompido o seu matrimónio com a actriz Roberta Haymes...

Marlon e suas irmãs puderam assistir à morte de sua mãe. Quinze dias depois, ainda Marlon não se refizera do golpe recebido, morria seu primo Milles Gaham, piloto da América Linn, pelo qual Brando tinha um verdadeiro carinho, desde a sua infância.

O efeito que estas duas mortes causaram em Brando foi desolador. Chorou durante dias inteiros. Movita foi o seu amparo e consolação. Deu-lhe ânimo para que voltasse aos estúdios para filmar «Desirée» e «A vida de Edwin Booth». Já mais calmo, Marlon telefonou uma tarde a Josiane, para casa do Dr. Mitlleman; atendeu o próprio Mitlleman, que lhe disse que Josiane tinha regressado a sua casa de Baldon, na Côte d'Azur. Para ela o triunfo de Movita fora demasiado doloroso. E em Nova Iorque tudo lhe recordava Brando, o homem a quem tanto tinha amado.

★

Uma vez terminadas as filmagens de «Desirée» e de «A vida de Edwin Booth», Marlon decidiu fazer uma viagem à Europa. No Outono, Paris recobrava a vida e rejuvenescia-se. Quando chegou à



Numa reunião de sociedade, Marlon gosta de dominar (exuberantemente) todas as conversas.

Ville Lumière falava-se de um casamento secreto entre Denise Darcel e Marlon Brando. Marlon foi o primeiro a rir-se desta fantasia. Mas a sua alegria foi breve.

— Isto não é mais que uma farsa que ainda por cima não compreendo quem tenha podido inventar. Que importância tem que a minha estadia aqui tenha coincidido com a de Danise Darcel? Isso não prova nada. De facto, nenhum de nós dois combinara encontrar-se. Vi-a, e temos saído juntos porque é bonita e agrada-me a sua companhia. Também tenho visitado Maria Félix e o meu amigo Franky Laine.

Marlon estava inquieto; o assunto de Denise Darcel tinha-o aborrecido. Lembrou-se de Josiane, e quis vê-la. Um belo dia apareceu em Baldon, uma aldeia perto de Tolon, na Côte d'Azur. Encontrou Josiane no cais; discutia com uns pescadores. O seu rosto tinha uma sombra de tristeza; um raio de sol descia sobre ela, dando à sua silhueta um aspecto intangível. Parecia interessada pelas palavras do velho pescador, que lhe falava com o cachimbo na boca.

— Josiane! — chamou Brando.

Josiane voltou a sua cara morena para ele, olhou-o detalhadamente e correu com os seus pés descalços pela areia. Marlon esperava-a de braços abertos, uniram os lábios, e Josiane fechou os olhos.

— Querido, que alegria ver-te! Estamos outra vez juntos...

— Sim, pequena. Deixa-me olhar-te. Sempre te imaginei assim, aqui neste lugar; pareces uma verdadeira pescadora. Teu pai deve estar contente contigo.

Riram os dois, felizes, e Josiane não quis perguntar nada. Não sabia como estavam as coisas em Nova Iorque, nem como estavam as relações de Marlon e Movita. Ele estava ali, na sua terra, e tinha vindo vê-la. Subiram para um barco e remaram com força pelo mar fora, pelo Mediterrâneo azul e límpido.

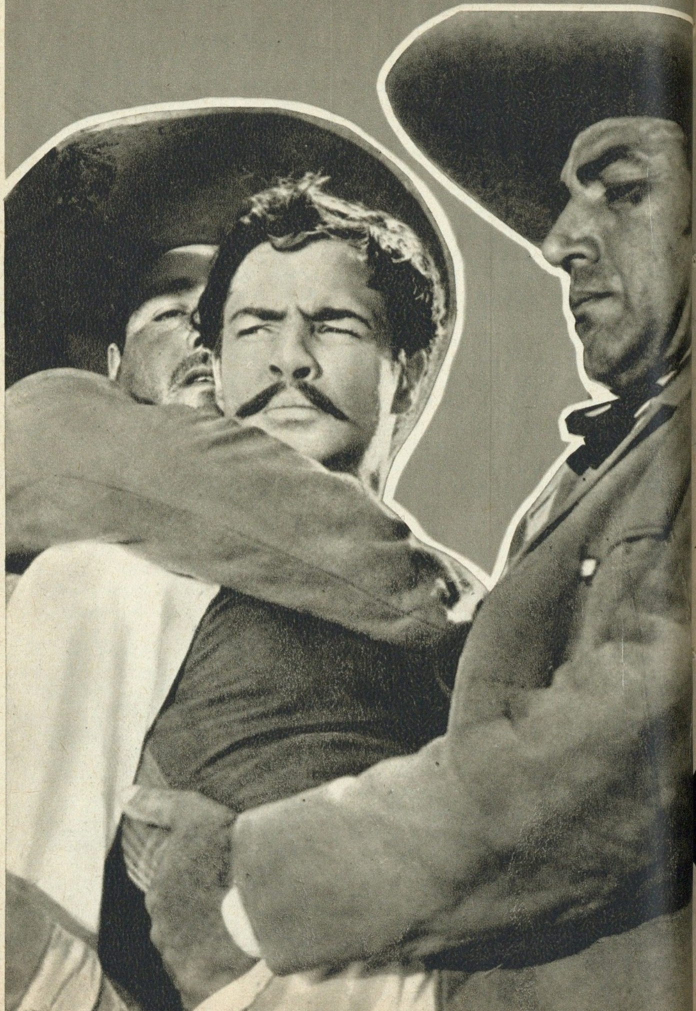
No dia seguinte os jornais de Baldon e Tolon publicavam uma notícia ocupando toda a largura das páginas: «Marlon visita a filha de um pescador, e veio para celebrar o seu compromisso matrimonial». «A pobre pescadora está noiva do célebre actor americano, Marlon Brando, genial intérprete de «Há lodo no cais».

Marlon leu os jornais e ficou surpreendido com a notícia. Tinha sido dada pela mãe de Josiane aos jornalistas; sabia que sua filha desejava triunfar no cinema e que Marlon podia ser, nesta aventura, o melhor padrinho para lhe abrir as portas de Hollywood. Brando pediu a conta no hotel e saiu de Baldon com destino a Roma. Josiane, desconcertada, foi para Paris. A imprensa continuava infatigável, pedindo notícias ao modelo de Kisling, e ela, invariàvelmente, respondia:

— Sim, pensamos casar-nos, mas não posso dizer quando. Com Marlon nunca se pode prever nada.

★

Marlon estava em Roma e a decepção reflectia-se no seu rosto. A alma inquieta e romântica de Marlon acompanha no seu caminhar pelas ruas de Roma o actor que assombrou o mundo com as suas interpretações; o actor que soube alcançar a glória e com ela o prestígio de ser chamado



«o primeiro actor do mundo». Mas Marlon caminha triste e preocupado; ainda não encontrou a mulher ideal que saiba fazê-lo feliz completamente. Ainda os seus olhos buscam qualquer coisa que não tem conseguido; e o homem de quem se diz que é um caso excepcional no cinema de hoje, está só.

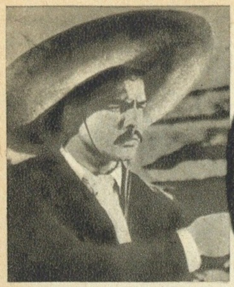
Marlon Brando é já um génio para todos aqueles que o qualificaram de «excêntrico», mas é ainda enigmático actor que Hollywood não consegue compreender.

Os seus passos fazem-se mais lentos e cansados, e Marlon segue só o seu caminho.



Do violento e impressionante Zapata (foto da página ao lado) ao frívolo jogador que canta e dança em «Eles e Elas», a linha interpretativa de Brando é extraordinàriamente versátil.

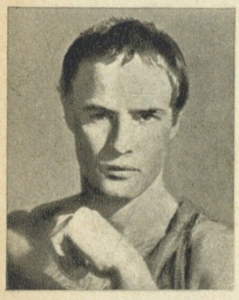
Algumas das suas personagens



O heróico guerrilheiro
(Viva Zapata).



O jogador incorrigível
(Eles e Elas)



O austero general romano
(Júlio César)



O exótico japonês
(A Casa de Chá do Luar de Agosto)



E aqui, o Marlon Brando da vida real



Um novo MARLON!

A última película que Marlon rodou foi «A Casa de Chá do Luar de Agosto», em que interpreta uma pitoresca figura de japonês. É um papel absolutamente diverso de todos os que o magnífico actor tem criado, e nele conseguiu impor, mais uma vez, a sua excepcional personalidade. Vemos nesta imagem o famoso «astro», caracterizado para a personagem do filme, de braço dado com Machiko Kyo e Glenn Ford, seus companheiros de rodagem.

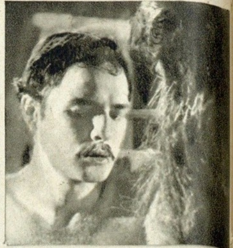
Filmes de MARLON BRANDO



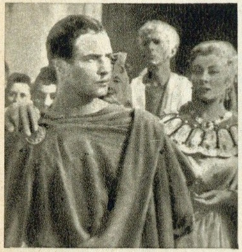
«O Desesperado»



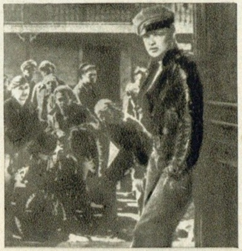
«Um eléctrico chamado Desejo»



«Viva Zapata»



«Júlio César»



«O Selvagem»



«Há lodo no cais»



«Desirée»



«Eles e Elas»

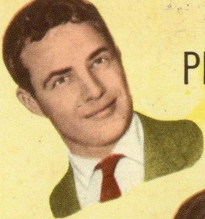


«A Casa de Chá do Luar de Agosto»

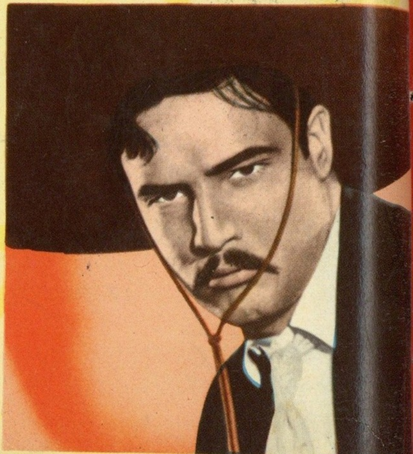


N. 2

PREÇO 2$0







Fotogravura Nacional, Lda.